

O socialismo teutónico e a guerra

(Crítica dos sindicalistas italianos)

Se o partido socialista alemão e a organização operária tedesca fossem pequenos, débeis e pobres, — não teríamos certamente o direito de lhes pedir mais do que o que deram. Não se pode pretender que uma criança aguente o peso aguentado por um atleta. Mas quando o atleta alardeia durante anos os seus músculos enormes para depois, no momento preciso, mostrar que não sustenta o peso maior que uma criança, temos então o direito de dizer: ou os seus músculos são uma história, ou ele tem uma alma tam mesquinha que não lhe deixa fazer uso das suas forças.

O socialismo germânico há muitos anos que nos mata o bicho do ouvido repetindo-nos as cifras da sua organização política e sindical. As ultimas eram de embasbacar. Aquilo era contado aos milhões: milhões de filiados no partido, milhões de eleitores representados por mais de cem deputados no parlamento do império, milhões de organizados nas federações de officio, milhões de marcos nos cofres, milhões de exemplares cotidianos de jornais...

Mas aos primeiros toques de guerra, viu-se que todos esses números — com os quais o socialismo teutónico nos esmagava todos os dias com grande prosápia — eram... números, e nada mais do que números. As forças feudais predominantes no império puderam provocar e iniciar uma guerra infame, que se está resolvendo numa carnificina enorme e espartosa de trabalhadores, sem que os milhões de socialistas e organizados tenham sabido exprimir o seu dissentimento a não ser com alguns comícios e vários artigos de jornais.

Era este o dever deles? Não! O dever dos socialistas tudescos era responderem á guerra promovida pelos seus governantes com a Greve Geral Revolucionária, que os teria salvado da vergonha dum *criminoso cumprimento*, e teria salvado a Europa da horrenda chacina que a devasta.

Oh! bem sabemos que a Greve Geral Revolucionária, na Alemanha, queria dizer um duelo mortal entre o proletariado e a feudalidade; e sabemos igualmente que poderia produzir uma feroz repressão anti-socialista. Mas parece-nos que para os trabalhadores alemães melhor teria sido em todo caso correrem esse perigo do que irem fazer-se trucidar — como cegos instrumentos de cubitosa rapina — hoje na Bélgica e na Alsácia, amanhã na França e na Rússia, para fortificar aquela feudalidade que eles não tentaram sequer derribar.

E depois, estamos sempre no *sicut erat*: Aqueles famosos milhões de socialistas, de organizados, de eleitores subversivos, existem? Tem uma consciência qualquer mesmo embrionária, do seu dever de classe? Se existem não parece duvidoso que — desde que o houvessem querido deveras — eram suficientemente numerosos para tentar o grande golpe. Se o não tentaram, quer isso dizer: ou que não existem, ou que não possuem nenhuma consciência socialista verdadeira, ou que são um montão de ovelhas caminhando segundo o bel-prazer do *kaiser*.

A sua indecente conduta tirou aos socialistas franceses e ingleses a possibilidade de levar a sua acção até ás ultimas consequências. Em face da cegueira estúpida dos «camaradas» alemães, que não hesitaram em fazer-se cúmplices dum ribalda e criminoso agressão, é muito natural que os franceses e ingleses — depois de ter feito nobremente o seu dever, obrigando os respectivos governos a manterem-se do lado da paz — se tenham visto forçados a renunciar a ultteriores esforços, que não teriam evitado a guerra, mas teriam pelo contrario favorecido o *banditismo teutónico*.

Assim, a social-democracia germânica é responsável perante a história pela falta a uma promessa e por uma torpe cumplicidade de que procura em vão desculpar-se com uma ridícula diversão, como é a necessidade de combater o *tsarismo*.

Bastará recordar: que o *tsarismo* não foi o provocador, mas sim o provocado; que o *kaiserismo* mostrou e mostra não ser em coisa alguma melhor do que o *tsarismo*; que em todo caso não é o *tsarismo* o que se combate agora, mas sim a França republicana e a Bélgica saturada de democracia social — para fazer uma ideia da falácia de semelhante pretexto.

Isso não absolve de modo algum do seu delicto a social-democracia alemã; agrava-o pelo contrario com uma manifestação de hipocrisia. Melhor seria que os «camaradas» teutónicos dissessem francamente o que está no fundo da alma de cada um deles: que o socialismo e a internacional são coisas bellissimas... mas com a condição prévia da hegemonia germânica. Hegemonia socialista e sindical, como sobre a economia, a política, a sciência, a arte e a indústria, o comércio, sobre tudo e todos. Lá o diz, aliás, claramente o canto patriótico alemão: «A Alemanha sobre todas as coisas!»

Para afirmação dessa hegemonia, os socialistas teutónicos não vacilam hoje em mandar para o diabo tudo o que eles exaltaram e teorizaram, fazendo-se fiéis soldados do *kaiser*. Está bem: «A Alemanha sobre tudo!» Mas pelo menos, não venham cá com desculpas tolas... e pelo menos não sejam os socialistas dos outros países tam parvos que os queiram ainda defender.

(De L'Internazionale).

Factos, factos!

De vez em quando os socialistas legalitários, para nos mostram as excelências do seu método, afogam-nos sob um alude de factos maravilhosos e convincentes e que veem a ser muitas e boas leis, votadas e aprovadas em tal ou tal município, neste ou naquele parlamento.

Não nos dizem se certa lei, certa reforma legal foi apenas reconhecimento dum conquista efectuada directamente pelo proletariado, não nos falam da pressão exterior que a talha porventura determinado, nem nos explicam se ela foi ou não aplicada e se na aplicação deu bons ou maus resultados. E não só fogem de aludir a concessões arrancadas, ao facto de ser a lei apenas aplicável quando o permitem as necessidades sentidas do ambiente, o estado de espirito colectivo, como evitam sobretudo fazer sobresair que a reforma legal, a lei é a migalha, o mais possível mesquinha, lançada á guela aberta do faminto que a reclama, afim de o contentar e inuidir.

O erro de atribuir á lei uma força, uma utilidade, uma garantia, torna-se com eles ainda mais grosseiro. Para eles as reformas legais são *utilissimas* aos trabalhadores. Vai-se mais longe; toda a evolução social é proclamada obra dos socialistas e da sua acção parlamentar. Reformas antigas, que faziam parte, por exemplo, dos programas da democracia republicana, que há muito tempo se executam para acalmar impacências ou se mostram como iscas eleitorais, são declaradas maravilhosas descobertas da social-democracia. A força do partido avalia-se pelo número de votos e o progresso social pela quantidade de leis promulgadas — embora inaplicadas ou inaplicáveis. Já não se trata dum programa, dum corpo de doutrinas, dum exposição de ideias, mas de habilidade de trampolineros da política.

Tudo isto nos lembra o procedimento dos padres a respeito da caridade.

Quando nós falamos da influencia deprimente e escravizadora que a religião exerce sobre a mentalidade dos trabalhadores, infiltrando-lhes o espirito do sacrificio, de resignação, de confiança nas recompensas dos amos divinos e humanos, matando neles a alegria de viver, o gosto pela saúde, a energia na acção — eles «esmagam-nos com os factos», apresentando-nos uma longa lista de obras de

caridade. Dizemos-lhes: essa vossa caridade é um mal que retarda a evolução, contentando e enganando. Dais uma parte porque pretendeis que vos respeitem o todo. E' essa generosidade interessada que mantem o respeito pelo direito da propriedade. Ela arreiga no espirito do pobre diabo, embruteado pela miséria e pela escravidão, habituado a rezar e a esperar, a confiança numa providência, leva-o a renunciar á sua iniciativa, á vida integral e a adiar para mais tarde a possibilidade de desenvolver todas as suas faculdades. Os padres não nos ouvem ou fingem-no: continuam a sua enumeração de obras de misericórdia, a sua ladainha da caridade impotente e hipócrita, excelente para reclamos comerciais, — do mesmo modo que, no campo da política, o reformismo legal serve de reclamo aos charlatães eleitorais.

Caridade e legalidade são o mesmo fenómeno sob diferentes aspectos. Tem a mesma essência: o engano, o messianismo, o adormecimento da energia. Duma e doutra se pode dizer que «atrasam o mundo».

E são as leis operárias, que nós julgamos nocivas, além de inúteis, que os socialistas nos enumeram, quando querem «esmagar-nos com os factos»! Ouvimos a um deles em público: — «Os anarquistas lamentam-se por haver poucas leis operárias (!); porque não nos ajudam?» Padres perfeitos!

Verdade seja que, para mais facilmente nos esmagarem com os factos, fazem consistir nas reformas legais toda a evolução social, e como nós repudiamos aquelas, declaram-nos inimigos da evolução, de qualquer melhoramento. Porque — isto foi dito — o que nós queremos é a miséria profunda que provoque — a abjecção? a passividade? o embrutecimento? não! — a revolução! Como se nós não soubéssemos que a miséria — entretida e prolongada pela caridade e pela legalidade — é anti-revolucionária!

O que nós combatemos é o espirito legalitário, o messianismo legal, que adormece as energias, debilita o esforço, entibia o gesto.

Não há outras forças na sociedade fora das forças individuais: essas forças somam-se pela solidariedade ou destroem-se pelo embate dos exclusivismos ferozes; mas não há outras. A acção governamental nada lhes acrescenta; a lei vale zero.

Se a lei concede a liberdade e reformas que os interessados não reclamam nem usam, não será aplicada: os mesmos que ela pretende favorecer a repelem e transgridem. Se a lei viola liberdades que já entraram na natureza dos homens capazes de iniciativa e acção, não há governo capaz de a executar. Se a lei, enfim, reconhece uma conquista generalizada, consigna uma concessão feita pelos dominantes aos governados, ela é absolutamente inútil, porque nem mesmo serve de garantia: a garantia está nos individuos, que gozam e actuam a liberdade conquistada e estão prontos a defendê-la a cada momento. De nada valem liberdades escritas e permitidas no papel; valem as que os homens usam sem pedir licença.

Há países onde a Constituição é muito «liberal», mas onde os «direitos individuais», as «liberdades públicas», as «garantias do cidadão» sofrem diariamente da parte dos governos os maiores atropelos — porque os governos não encontram no povo, na opinião pública, nas colectividades organizadas, uma resistência suficiente. Há outros países onde as leis são menos «liberais», mas onde a resistência popular impõe aos governantes maior respeito pelas liberdades conquistadas. No mesmo país, sujeito todo ás mesmíssimas leis, há localidades e regiões que gozam de mais liberdades que outras, conforme a opinião pública. Os exemplos são numerosos e á vista de todos.

Não confiemos, pois, na lei, nem alimentemos essa nefasta confiança. Não organizemos sobretudo uma propaganda e uma acção — eleitorais e parlamentares — todas consagradas ao messianismo legal, porque, se o fizermos, atacaremos as próprias fontes da energia popular.

E' vastíssimo o campo da vida social — propaganda, organização, educação, acção directa sob todas as suas formas, resistência permanente, consciente e organizada.

Coisas historicas

31 1874 — Morre, em Genebra Fernando Lassalle, um dos militantes mais activos do partido socialista.

Setembro

1 1890 — Nas minas de cobre

OH! A SOCIAL-DEMOCRACIA...

Ha talvez quem se admire da manifesta impotencia da social-democracia tudasca. Infundada admiração!

A ineptia ou cobardia dos socialistas alemães — para não dizer de todos os países —, é uma verdade inelutavel, é um facto irrefutavel; e a falencia do socialismo scientifico acentuou-se por uma forma que já não permite illusões, depois que estalou a conflagração europeia.

Os pequenos povos, que são, aliás, quem ha-de sofrer mais intensamente as desgraçadas consequências do conflicto guerreiro que nesta hora adeja qual abutre sobre a velha Europa, estavam esperanças em que a social-democracia alemã saberia conter em respeito as gananciosas ambições do Kaiser, impedindo, cria-se, os designios do caserneo partido militarista, indo se necessario fosse, á grêve geral, e até á insurreição. Não succedeu, porém, assim.

A social-democracia revelou-se caracterisadamente aquilo que sempre a consideramos: simples partido politico, cujo exclusivo objectivo é o acto eleitoral.

E, de facto, como está demonstrado, a social-democracia, com excepção do seu chefe — descubramo-nos a recordar a sua memória — fusilado por se recusar a ingressar nas fileiras, reduzia-se ao seu valôr numérico perante as urnas, em dia de eleições.

Ora do seu nenhum protesto, que implica tácito assentimento á cartada que o Kaiser e seus sequeazes acabam de jogar, extraímos esta ilação obvia: a social-democracia é um aglomerado de patriotas, guerreiros e militaristas inscritos nos cadernos eleitorais.

Um partido que comporta quatro milhões e meio de eleitores, não sabemos quantos milhões de adherentes dos dois sexos, cento e dez deputados, cento e trinta jornais e uma infinidade de cooperativas, devia ser um elemento digno de ser tido em atenção pelos seus adversarios.

Mas, a provar o contrario, temos um caso novo ainda que bem nos deixa avaliar em que conta é tida a social-democracia.

No principio do ano os jornais socialistas de todos os países consagraram colunas e colunas de prosa e admiração á social-democracia tudasca pela sua *semanavermelha*, durante a qual, ingressaram no número dos quotizantes partidarios 140.096 novos adherentes e 85.537 novos assinantes para a imprensa socialista!

Os leitores da *Aurora* conhecem, crêmos, o que seja a *semanavermelha*; mas, para aqueles que ignorem o que isto seja, dir-lhe-emos apenas que não é nada que se assemelhe á tomada da Bastilha, nem á Comuna, nem, ainda, á semana de julho, de Barcelona. A *semana vermelha* é simplesmente uma semana consagrada a rufar o tambor arrebanhando gente para o partido socialista.

Pois para se avaliar da firmeza de principios que caracteriza os novos e velhos adherentes, basta dizer-se que, apesar das inúmeras adesões, o governo alemão mandou prender, em Berlim, na própria *semana vermelha*, um jornalista russo que havia cometido o *horrible crime* de vir á capital tudasca fazer uma conferencia sobre Gorki, aos es-

de Yhi-ki-ku (Japão) morrem afogados 600 operários.

3-1888 — Sal em Padova, O grito da canalha, número unico, retintamente anarquista.

3-1759 — Os jesuitas são expulsos de Portugal e suas colônias.

4-1913 — Reclamando melhoria de situação, declaram-se em grêve os mineiros das Asturias (Espanha).

5-1885 — Em Montevideo sai o primeiro número dum semanário anarquista, com o titulo, A federação dos trabalhadores.

6-1893 — Intitulado, O Rebelde sai em Zaragoza (Espanha) o primeiro número dum jornal anarquista, de «publicação eventual».

tudantes russos ali residentes. Este jornalista era o conhecido socialista Lunatchasky.

Quando se esperava uma boa lição dada ao governo imperial pelos socialistas berlinezes, Jagow, o prefeito de policia ria a bom rir de tamanha ingenuidade! Quando se esperava que os socialistas berlinezes imitassem os 150.000 parisienses que reclamaram a liberdade do revolucionario russo Hartmann, acusado de dinamitar um comboio imperial, a social-democracia não dá acôrdo de si!

E os francezes agiram sob um império de circunstancias delicadas, pois sendo no tempo do «grande ministério» Gambetta, visinho da guerra de 70, tudo indicava, segundo as *razões de estado*, que o governo francez tinha interesse em satisfazer os desejos do autocrata russo. Mas não succedeu assim.

Preso o terrorista, o povo parisiense reclamou na rua a sua liberdade. E, com efeito, Hartmann não foi consignado á policia russa.

Hoje, quando se esperava que o partido socialista alemão puzesse um entrave á loucura sanguinaria do Kaiser e do partido militarista, declarando a greve geral e indo até á insurreição, apenas o seu chefe, para manter a integridade dos principios, prefere deixar-se fusilar a ingressar nas fileiras dos bandidos teutonicos! Quando se esperava que a social-democracia fomentasse a revolução para impedir que o povo alemão se precipitasse no abismo pelo sonho megalomaníaco do Kaiser, apenas um homem se deixa fusilar em sinal de protesto contra a monstruosidade que não tem precedentes nos anais da história do genero humano!

Eis ao que se reduziu a tão falada social-democracia alemã! Eis a falencia fraudulenta da democracia socialista!

A que atribuir semelhante inacção?

São, naturalmente, diversos os factores que criaram o meio ambiente propício aos designios criminosos do imperialismo teutónico. Mas o principal deve ter sido a falta de educação revolucionaria no seio do partido socialista que incumbiu aos 110 deputados a missão de fazer a revolução social... no parlamento. A impotencia, a inutilidade do partido socialista alemão deriva da sua disciplina, onde cada homem é um autómato agindo sempre dentro da legalidade; e se esta degeneração se acentua em todo o proletariado alemão, deve-se isso a confiar demasiado nas leis e na protecção do Kaiser, o *pai comum*.

Assim, para que o proletariado tudesco fosse tido como um valor, seria preciso insuflar-lhe aquele idealismo tão comum na raça latina e que tem contido em respeito os despostos que ora se degladiam, uma parcela, ao menos, daquele idealismo que não conhece sacrificios, ainda os maiores. Mas a Alemanha se, de facto, é o país que conta maior numero de socialistas, é tambem o país, entre os grandes países da Europa Occidental, o que menor numero de socialistas conta!

Salvo se o numero for a condição *sine qua non*.

Gulphilares, 1914.

GIORDANO BRUNO